

# Sertanista descobre tribo em extinção

Nesse grupo, que era ignorado pela Funai, só uma criança nasceu nos últimos dois anos

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — Contatados por missionários norte-americanos desde 1982, mas ignorados até agora pela Fundação Nacional do Índio (Funai), 119 índios do grupo tupi, que vivem numa área de difícil acesso, 300 quilômetros ao Norte de Santarém, no Pará, enfrentam problemas graves de saúde como surtos de malária, tifo e gripe que mataram 15 índios nos últimos dois anos.

Na semana passada, depois de uma caminhada de dois dias pela floresta, o sertanista Sidney Possuelo constatou a situação e hoje vai levar o problema à direção da Funai e ao Conselho de Segurança Nacional. Possuelo não exige a Funai, mas acusa a missão Novas Tribos do Brasil de ter criado o pro-

blema, por haver feito o contato com o grupo à revelia da fundação.

Os índios, distribuídos em quatro aldeias, vivem na região do rio Cuminapanema. Segundo Possuelo, quando começou a construção da rodovia Perimetral Norte, cortando os estados do Amazonas, Pará e Roraima, o contato com o grupo foi planejado pela Funai. Com a interrupção das obras, no entanto, o plano ficou adiado porque os índios não estavam ameaçados pelas frentes pioneiras. "Desrespeitando essa posição da Funai, os missionários norte-americanos promoveram a aproximação, construindo sua base a 45 quilômetros das aldeias", acusa Possuelo, que coordena o setor de índios isolados da Funai.

O sertanista conta que nas duas aldeias visitadas não encontrou mulheres grávidas e apenas uma criança com menos de dois anos. "Em geral, quando sofrem seria ameaça a sua sobrevivência, as índias costumam abortar, como aconteceu recentemente entre as mulhe-

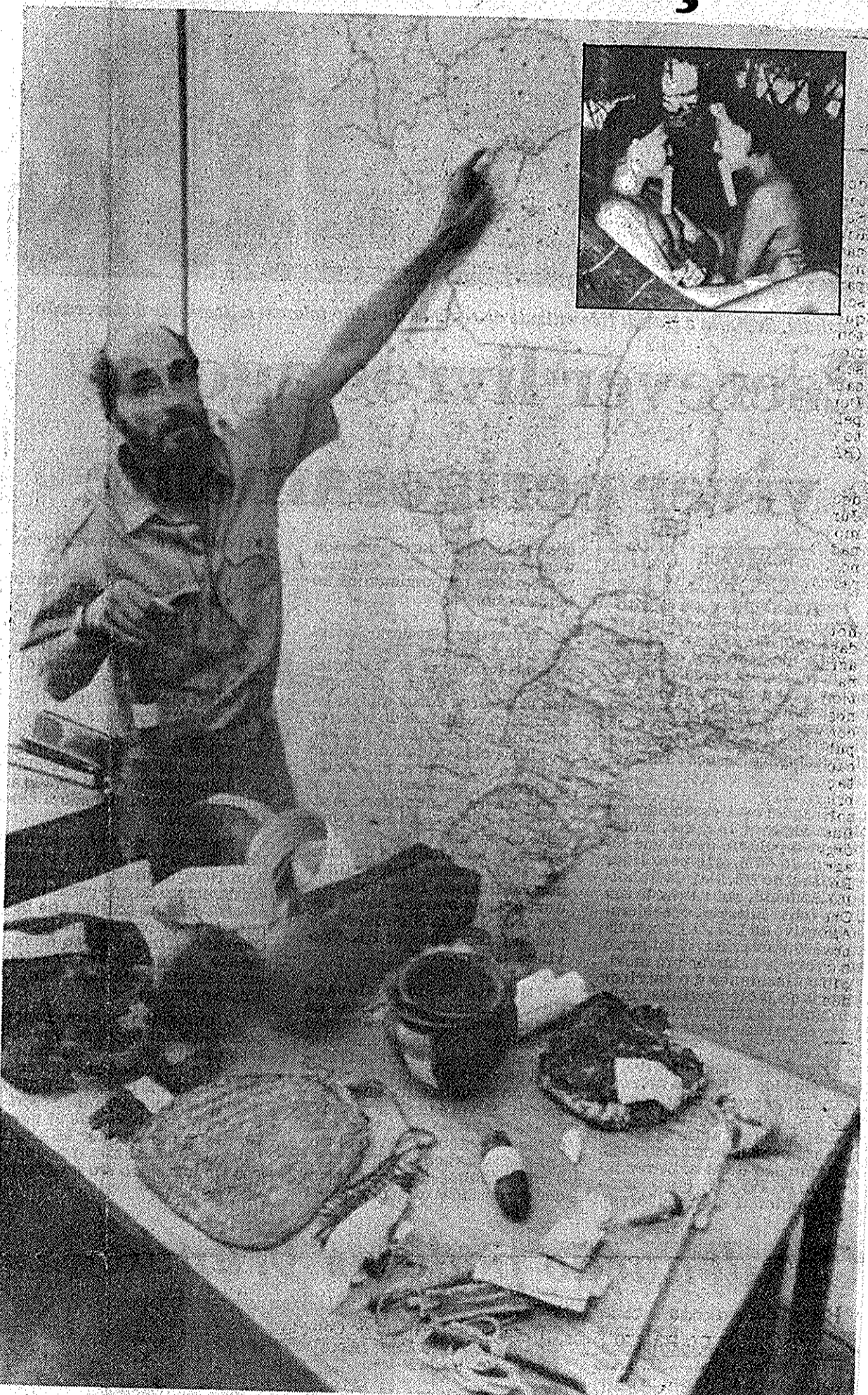
res araras, também do Pará, quando o grupo se viu encurralado pelas frentes pioneiras", revela. Possuelo viu índios prostados em suas redes, tossindo muito. Alguns faziam apelos dramáticos: "Tuari, tuari". Era um pedido para que soprasse a fumaça de seu cigarro em suas bocas, repetindo o gesto dos pajés nos rituais de cura.

Os índios usam um adorno, não conhecido em outras tribos tupis, fixado abaixo dos lábios: um cilindro de madeira branca com 20 centímetros de comprimento, que é colocado nas crianças aos sete anos. "A madeira é pesada e compromete a oclusão da arcada dentária", verifica o sertanista. As mulheres rapam uma faixa de cabelo acima da testa e colam penas de urubu-rei com uma resina espe-

cial. Possuelo desconfia que as mortes nos últimos dois anos entre esses índios fiquem acima das 15 relatadas pelos missionários. "A própria missão, ao comunicar o contato à Funai, em 82, informava que o grupo poderia chegar a 300 indivíduos", afirma o sertanista. Num primeiro momento, o "êxito" do encontro com os índios chegou a ser aplaudido pelo então presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, que agradeceu em carta a atitude da missão.

Mas o sertanista Fiorello Parisi, em documento enviado à Funai, na época, apontou que o contato era inoportuno, alegando que os índios "tinham índole pacífica e não sofriam ameaças imediatas". Possuelo também criticou a missão que, por sua vez, respondeu que o contato havia sido espontâneo. Os índios, segundo os missionários, teriam ido até a sede da missão cujo trabalho em todo o mundo é traduzir a Bíblia para os povos primitivos.

O fato é que, apesar das relações azedas entre Funai e missionários, nada se fez de concreto desde o contato há sete anos. A viagem do sertanista à aldeia só aconteceu depois de um relatório encaminhado pelos norte-americanos em dezembro, comunicando os problemas de saúde dos índios.

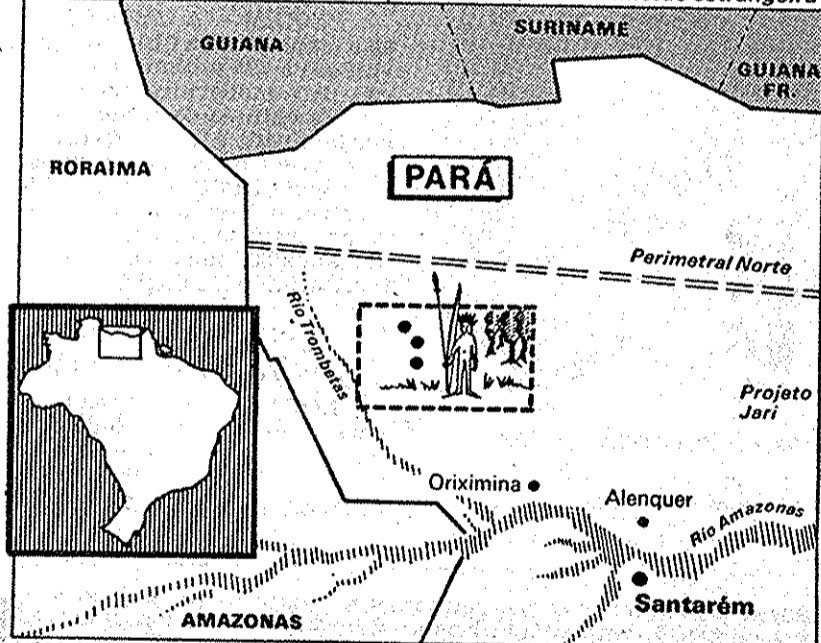


Possuelo e os índios do grupo Tupi (no destaque): assistência estrangeira

Ricardo Chaves/AF

## A tribo perdida

A tribo encontrada pelo sertanista vive nas selvas do Pará, era ignorada pelo governo brasileiro e assistida por uma missão estrangeira



HUGO CARNEVALI

## Funai inicia cadastro de missões

BRASÍLIA — Discretas, avessas a qualquer interferência na política indigenista oficial e quase sempre atuando em áreas de difícil acesso na Amazônia, onde a Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não chegou, as missões evangélicas estrangeiras começaram a ser cadastradas pela Funai. Oficialmente existem nove entidades com sede declarada no Brasil ou no Exterior: Summer Institute of Linguistic; Convenção Batista Nacional; Jovens em uma Missão; Missão Cristã Evangé-

lica; Missão Novas Tribos; Asas do Socorro; Missão Evangélica Kaiowa; Missão da Convenção Batista e a Missão Evangélica da Amazônia.

Em seu trabalho, essas missões se empenham em levar as palavras da Bíblia aos índios, enfrentando as críticas de antropólogos e indigenistas que consideram esse trabalho uma agressão ao mundo mítico indígena, como afirma o sertanista Sidney Possuelo.

Para a Funai, essas entidades ocupam um espaço que o ór-

gão não teve ainda condições de assumir e, em alguns casos, como o Summer Institute of Linguistic, suprem a falta de especialistas no estudo das línguas indígenas. O Summer chegou a ser proibido de atuar nas áreas indígenas. Recentemente a Funai reconsiderou a decisão permitindo ao instituto norte-americano, que tem sede em Brasília, retomar o seu trabalho através de convênio com a fundação, também firmado com as outras oito missões estrangeiras.